

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**FURTADO, Celso** (Pombal, 1920 – Rio de Janeiro, 2004)

Celso Furtado nasceu em uma pequena cidade do sertão da Paraíba chamada Pombal. Era filho de Maurício de Medeiros Furtado, advogado que acompanharia a tradição de magistrados da família, e de Maria Alice Monteiro, herdeira de proprietários de terra da região. Os oito filhos do casal tiveram uma infância marcada pelas dificuldades da vida no sertão. Ainda menino, em 1927, mudou-se com a família para a capital do estado da Paraíba, onde iniciou seus estudos no Liceu Paraibano e, um pouco mais tarde, quando a família se transferiu para o Recife, no Ginásio Pernambucano. Chegou ao Rio de Janeiro em 1939, onde estudaria Direito na então Universidade do Brasil e viveria em pensões. Trabalhou nesta época na *Revista da Semana*, como secretário de redação, e no *Correio da Manhã*, como revisor. Em 1943 tornou-se funcionário público federal após aprovação em concurso para Assistente de Organização do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). Na *Revista do Serviço Público* publicou os primeiros artigos que já evidenciavam sua preocupação com a administração pública. Formado, seguiu para a Itália como aspirante a oficial da Força Expedicionária Brasileira (FEB) no início de 1945. A Guerra já estava em seus últimos meses e ele retornaria ao Brasil ainda em Agosto, mas a experiência daria origem ao seu primeiro livro, *Contos da Vida Expedicionária – De Nápoles a Paris*, que seria publicado em 1946. Uma obra de ficção que, no entanto, não indicava uma vocação. Em Dezembro de 1946 seguiria para Paris, decidido a não cumprir a tradição de magistrados da família: optou pelo Doutorado em economia na Universidade de Paris, que finalizaria em 1948, quando tinha 28 anos. A tese, intitulada *L'économie coloniale brésilienne*, seria publicada pela primeira vez no Brasil em 2001 com o título *Economia colonial no Brasil nos séculos XVI e XVII – elementos de história econômica aplicados à análise de problemas econômicos e sociais*. Ainda neste ano de 1948 retornaria ao Brasil e trabalharia como economista junto à Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro.

Em 1949 iniciou a mais profícua das suas atividades: nomeado para o corpo permanente de economistas da Organização das Nações Unidas (ONU), integrou a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) em Santiago do Chile. Intelectual e interventor, pôde, por meio dos cargos que exerceu a partir de então e dos textos que escreveu, informar políticas públicas que influenciaram fortemente o Brasil e a



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

América Latina. Logo no ano seguinte, quando o economista argentino Raúl Prebisch assumiu a secretaria-executiva da CEPAL, foi nomeado diretor da Divisão de Desenvolvimento. Prebisch havia já construído a crítica dos modelos universalizantes das teorias econômicas produzidas pelos países desenvolvidos, afirmava que o desenvolvimento não respondia a critérios que permitissem asseverar as vantagens da divisão internacional do trabalho, especialmente considerando a assimetria que se estabelecia nas trocas entre produtores de matérias-primas e produtores de manufaturados. É na senda aberta por esta reflexão, e já anunciada em sua tese de Doutorado, que Celso Furtado elaborará sua interpretação do Brasil e do atraso da América Latina, assim como atuará politicamente para superar a assimetria denunciada e historicamente construída. É uma época de viagens e intensos estudos, destacando –se a publicação de seu primeiro artigo internacional, “Formação de capital e desenvolvimento econômico”, produzido para a *Revista Brasileira de Economia* e traduzido para o *International Economic Papers* em 1952. Em 1953 assumiu a presidência do Grupo Misto CEPAL/BNDE (Bando Nacional de Desenvolvimento Econômico) cuja principal atribuição era exatamente traduzir para a circunstância brasileira um planejamento global de industrialização e desenvolvimento conforme proposição da CEPAL. Os trabalhos resultaram no documento “Esboço de um programa de desenvolvimento, período de 1955-1962” que viria a ser fundamental para ao Plano de Metas do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira entre 1956 e 1960. Nesses anos 50, entre missões pela CEPAL no Brasil e no México e estudos na Universidade de Cambridge, apareceriam os livros *A economia brasileira* (1954), *Uma economia dependente* (1956) e seu mais importante livro, *A formação econômica do Brasil* (escrito em 1957 e publicado em 1959), que seria traduzido para nove línguas. Resultado de uma estadia de estudos em Cambridge, a primeira edição brasileira deste último livro sairia em 1959, quando Furtado já havia se desligado da CEPAL para assumir uma Diretoria do BNDE em 1958. Na sequência criaria o Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (CODENO), ainda em 1958, e a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), em 1960, a pedido do presidente Juscelino Kubitschek e da qual foi o primeiro presidente.

Leitor de Antônio Sérgio (1883-1969), João Lúcio de Azevedo (1855-1933), Oliveira Martins (1845-1894), Teófilo Braga (1843-1924) e Alexandre Herculano (1810-1877), autores com os quais dialogava já em sua defesa de Doutorado em 1948, Furtado acompanha o pensamento do primeiro ao afirmar a precocidade do desenvolvimento da burguesia comercial marítima portuguesa e a importância dela na expansão marítima. Sua interpretação do Brasil articulava, a partir da hipótese de Sérgio sobre a precocidade da burguesia portuguesa, o processo de emancipação nacional português, as grandes navegações e a construção da colonização no Brasil. A colônia brasileira, nesta lógica, teria sido construída como apêndice da metrópole, a ocupação e colonização do território que viria a formar o Brasil era, assim, apenas mais um episódio da expansão comercial europeia. Desta forma, um estudo que pretendesse historicizar o subdesenvolvimento brasileiro, deveria começar, primeiro, por mostrar os processos históricos que trouxeram os portugueses às



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

terras brasileiras. No estudo desses processos, tanto em sua tese de Doutorado de 1948, quanto em seu mais importante texto, *A formação econômica do Brasil*, escrito em 1957, a debilidade da economia portuguesa, aprendida em leituras de Oliveira Martins e António Sérgio, assim como a afirmação dos pobres braços lusitanos em sua gesta imperial, aportaria nas terras do lado de cá do Atlântico e criaria um sistema de exploração da terra, das riquezas e da mão-de-obra que comporia o sentido geral da colonização brasileira e a origem histórica do subdesenvolvimento brasileiro. Grande empresa destinada a alimentar o comércio da Metrópole por meio de produtos tropicais, a Colônia, desde seus primórdios, era explorada em função dos interesses metropolitanos, fato que deixaria marcas na organização da produção e na distribuição da riqueza. Movimentando-se em torno de um eixo que se localizava fora dela mesma, a Colônia respondia aos interesses de um comércio exterior e não observava suas possibilidades e interesses internos. A comparação com as colônias chamadas de povoamento era inescapável: a autonomia dos colonizadores estabelecidos nas colônias inglesas da América do norte em relação à Metrópole explicaria a economia forte e produtiva construída já na época colonial, e que ancorou seu desenvolvimento no mundo contemporâneo. Assim, tentando fugir às interpretações de modelos econômicos europeus e buscando historicizar a experiência de construção do subdesenvolvimento no Brasil, Furtado utilizou-se das teses decadentistas decimonônicas lusas para afirmar o mal de origem trazido pelo colonizador português. Tais teses foram temperadas com leituras de John Maynard Keynes (1883-1946) que definiram os termos de sua intervenção pública nos cargos acima citados: era preciso, por meio de forte atuação do Estado, vencer o passivo colonial, induzir o desenvolvimento e superar a má distribuição de riqueza emblemada no latifúndio monocultor e tecnologicamente atrasado.

Sua atuação na CODENO e na SUDENE, advogando que a seca era consequência dos problemas do Nordeste e que a estrutura socioeconômica da região, tributária do modelo colonial, é que era responsável pelos problemas, seguramente explicam sua condução ao cargo de Ministro do Planejamento do governo João Goulart a partir de 1962. Elaborou, então, o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social com o objetivo de controlar a inflação e promover reformas de base para o desenvolvimento de um capitalismo nacionalista e progressista no Brasil. Na base de suas proposições para a ação do Estado estava o método de análise histórico-estrutural, o esforço por explicar o subdesenvolvimento estrutural a partir das condicionantes históricas de médio e longo prazo. Se o pressuposto era de que a integração entre a estrutura distributiva e a estrutura de oferta provocava estagnação, especialmente considerando a heterogeneidade tecnológica, com áreas da economia extremamente avançadas e outras bastante atrasadas, caberia ao Estado elaborar políticas de indução do desenvolvimento. Ainda em 1963 retornaria à SUDENE para promover uma política de incentivos fiscais a investimentos no Nordeste, a área atrasada do Brasil que, por história pessoal de vida e resultado da aplicação do método acima citado, foi sempre o centro de suas preocupações. O Golpe Militar de 1964 exilaria um dos economistas mais profícuos do Brasil



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

logo nos primeiros meses de montagem do regime de exceção. Era preciso impedir as reformas de base e Celso Furtado foi inscrito no Ato Institucional número 1 ainda em 1964, iniciando seus anos de exílio que durariam até 1979, quando foi aprovada a Lei da Anistia no Brasil.

Entre sua nomeação para a CEPAL, em 1949, e o trabalho na SUDENE, que se estenderia até o Golpe Militar de 1964, localizam-se os anos que Celso Furtado chamou em sua autobiografia de “fantasia organizada” e “fantasia desfeita”. Foram anos de organização de uma teoria do subdesenvolvimento, da narrativa da sua historicização e da proposição de um conjunto de políticas públicas que resgatassem o Nordeste e tirassem o Brasil do atraso. Após esses anos, entre o exílio imposto e o retorno ao Brasil, “O Velho”, como costumava chamá-lo a economista portuguesa naturalizada brasileira Maria da Conceição Tavares, trazia conforto aos colegas economistas que herdaram seu assombro com o subdesenvolvimento por meio de sua constante intervenção pública, seja nos meios acadêmicos ou pela ação política em cargos específicos. No exílio, ensinou em Santiago do Chile, Yale e Paris. Na Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris foi professor da Cátedra de Desenvolvimento Econômico, o primeiro professor estrangeiro nomeado em uma universidade francesa. Lecionaria, ainda, em Washington, Cambridge e Columbia. Nesta época de afastamento do país, em que pôde retornar apenas para seminários esporádicos, publicou *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina* (1966), *Um projeto para o Brasil* (1968), *Análise do modelo brasileiro* (1972), *O mito do desenvolvimento econômico* (1974), *Criatividade e dependência na civilização industrial* (1978), entre outros.

No retorno do exílio, a partir de 1979, filiou-se ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) em 1981, participou do grupo de trabalho que escreveu o Plano de Ação do governo Tancredo Neves (1910-1985) em 1985 e foi membro da Comissão de Estudos Constitucionais que deu origem à atual Constituição do Brasil. Ainda por conta de seu vínculo com o PMDB, foi ministro da Cultura no governo de José Sarney (1930-) entre 1986 e 1988, e responsável pela aprovação de uma legislação de incentivo fiscal à cultura no Brasil. Rastros, sem dúvida, do desejo de boa parte dos exilados de retomarem suas atividades políticas reprimidas a partir de 1964: Furtado ainda acreditava na possibilidade de melhorar a distribuição de riqueza no Brasil por meio de uma indução do desenvolvimento econômico a partir do Estado, mas agora trazia para o centro da sua atuação a preocupação com o apoio à cultura nacional. Nos anos 80 e 90, além de se dedicar a e atividades políticas no Brasil, ocupou cargos na ONU, como membro da Comissão Mundial para a Cultura e o Desenvolvimento e da Comissão Internacional de Bioética, e foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1997. Viveu para escrever suas memórias e rever sua trajetória em um estilo que lembraria sua primeira obra confessional escrita a partir da experiência junto à FEB em 1945. Morreria em casa, no Rio de Janeiro, em 2004. O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (1945-), decretou luto oficial de três dias no Brasil.

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

**Bibliografia activa:** *Análise do “modelo” brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972; *Criatividade e dependência na civilização industrial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978; *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959. A edição de 2009 da Companhia das Letras, São Paulo/Brasil, apresenta textos de vários comentadores e críticos; *O capitalismo global*, São Paulo: Paz e Terra, 1998; *Obra autobiográfica – A fantasia organizada, A fantasia desfeita, Os ares do mundo*. S. P.: Companhia das Letras, 2014; *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; *Uma economia dependente*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956; *A economia brasileira: contribuição à análise do seu desenvolvimento*. Rio de Janeiro: A Noite, 1954; *L'économie coloniale brésilienne*. Tese (Doutorado em Economia), Universidade de Paris, Paris, 1948; *Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1959.

**Bibliografia passiva:** ALENCAR JÚNIOR, José Sydrião de (org), *Celso Furtado e o desenvolvimento regional*, Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2005; AYRES, Andreia Ribeiro, *Ares do Brasil: Celso Furtado, o lugar do desenvolvimento*, Rio de Janeiro: E-papers, 2007; BRESSER-PEREIRA & REGO (orgs.) *A grande esperança em Celso Furtado*, S. P.: Editora 34, 2001; CAMPA, Riccardo. *A reta e a curva: reflexões sobre nosso tempo com Oscar Niemeyer, Mario Schemberg e Celso Furtado*, São Paulo: Max Limonad, 1986; COELHO & GRAZIEIRA (Orgs.), *Celso Furtado e a formação econômica do Brasil*. Prefácio: Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Atlas, 2009; GAUDÊNCIO & FORMIGA (Orgs.), *Era da esperança: teoria e política no pensamento de Celso Furtado*, São Paulo: Paz e Terra, 1995; LORA & MALLORQUÍN, *Prebisch y Furtado: el estructuralismo*, Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999; MARTINS & MUNTEAL (Orgs.), *O Brasil em evidência: a utopia do desenvolvimento*, Rio de Janeiro: PUC-RJ: FGV, 2012; OLIVEIRA, Francisco de (org.), *Celso Furtado: economia*, São Paulo: Ática, 1983; SAMPAIO, Plínio de Arruda, *Entre a nação e a barbárie: os dilemas do capitalismo dependente em Caio Prado, Florestan Fernandes e Celso Furtado*, Petrópolis: Vozes, 1999.

Ana Lúcia Lana Nemi



APOIOS:

